



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria. Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Ninguém ignora, pois toda a gente tem experimentado pelo menos alguns dos seus efeitos, a aliterosa vaga de frio que ultimamente assolou a Europa, sobretudo a oeste, acompanhada de vento, chuva, granizo, neve e gelo, tornando o passado mês de Fevereiro, mesmo no doce clima do nosso país, um dos mais agrestes de que há memória.
Ora, apesar de o dia 13 desse

Peregrinação DE FEVEREIRO, 13

Acção Católica

O Preceito PASCAL

É luz de Deus a Sagrada Comunhão. Por isso a Igreja instantaneamente aconselha os fiéis a recebê-la frequentemente, mesmo todos os dias, se fôr possível.

Mas ele há tantos que descumram os graves problemas da sua alma, que são, afinal, os que têm importância decisiva... Não os descumra a Igreja, que é Mãe sempre atenta às dificuldades dos seus filhos. Essa a razão que a levou a impor o preceito pascal. Ao menos uma vez por ano, na quadra para isso determinada, todos os fiéis, de um ou de outro sexo, atingido o uso da razão, devem receber o Sacramento da Eucaristia. Já não é simples conselho; é obrigação grave, de que ninguém é dispensado, a não ser por motivos ponderosos, e só enquanto tais motivos perdurarem.

São dolorosas as circunstâncias em que vivem as almas. Sem a luz e a força dos sacramentos, como conseguirão lutar corajosamente e gloriosamente vencer?

É clara e intimativa a voz da Igreja. Os fiéis que não a ouvem, gravemente pecam.

No entanto, constituem legião os que deixam passar a Quaresma, os que deixam passar o ano, talvez até muitos anos, sem comungar. A omissão, atentado contra a fé, é também atentado contra a dignidade pessoal. O cristão deve ser coerente. Se a fé ilumina o seu espírito, tem de harmonizar com ela a sua vida. Se o não faz, tristemente atraiçoa o seu carácter religioso e a sua condição humana, que exigem a execução integral do dever.

Anda a Acção Católica, e com ela as Obras Auxiliares, a lembrar os grandes princípios da religião, e a instar pelo seu fiel cumprimento. Por isso se estabeleceu a Campanha Pascal.

Facto doloroso seria que associados, por desprezo ou por descuido, não observassem o preceito. Mas não cumprirão integralmente o seu dever, se não procurarem que outros, sobre cuja alma exercem influência, o cumpram integralmente. É hora de acordar as almas dormentes ou entorpecidas.

Para longe a preocupação de paradas vistosas. O número interessa, mas que o número seja conseguido por convicções sérias.

Daf a necessidade da preparação ordenada e cuidadosa.

Acção pessoal: Sabemos lá a influência subtil de uma palavra inteligente, delicada, e unvida de divino, de um exemplo de caridade ardente, de uma oração fervorosa, de um sacrifício generosamente suportado, em pobres almas ressequidas e inquietas! Quando os irmãos têm necessidade da luz da nossa fé e da devoção do nosso amor, seria criminoso que lhe recusássemos essa prova do nosso cristianismo vivido e conquistador.

Acção colectiva: De há muito se estabeleceu a prática das pregação preparatórias, em retiros, em recolecções, em tríduos, em horas e vigílias de adoração, tudo destinado a iluminar, a ativar, a decidir as consciências. Intensificar esta acção, sem melindres nem desânimos. Pode ser incompreendido, pode até ser hostilizado o trabalho que se realiza. Que importa? A conquista das almas não conhece obstáculos. Se o Mestre de todos os apóstolos morreu numa cruz, queremos nós colher sempre louros e passar a vida entre hosanas de triunfo?

De pouco valerá a nossa acção, se não for regada pelo sangue do sacrifício.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

mês ter sido de chuva torrencial e contínua, o número de peregrinos que acorreram à Cova da Iria para assistir aos actos religiosos comemorativos das aparições da Santíssima Virgem naquele local em 1917 não foi inferior ao dos peregrinos do dia 13 do mês de Janeiro precedente.

A fé e a piedade dos devotos de Nossa Senhora da Fátima resistem a todas as provações e vencem todos os obstáculos.

Todos os actos litúrgicos ofi-

ciis, também não se realizaram as procissões habituais.

A Missa dos doentes, que eram em número bastante limitado, foi celebrada pelo rev. P.º Isaias Gonçalves Marques, pároco da freguesia de Alvados, da diocese de Leiria. Foi, porém, um sacerdote dominicano espanhol quem deu a bênção eucarística tanto aos doentes individualmente como a toda a multidão de peregrinos.

Assistiram à Missa e aos outros actos oficiais da peregrinação três

terminadas as cerimónias oficiais, dirigido pelos rev.º Padres da Congregação de Nossa Senhora da Consolação de Turim, cantaram, alternadamente com o povo, a Missa *De Angelis*.

Mons. C.º Dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da diocese de Leiria, proferiu as invocações habituais e repetiu mais uma vez a fórmula de consagração da autoria do Santo Padre Pio XII ao Imaculado Coração de Maria.

Terminadas as cerimónias ofi-



NA ITALIA — Inauguração do culto de Nossa Senhora da Fátima em Città della Pieve

ciais efectuaram-se no interior da Basílica que regorgitava de fiéis das diversas classes e condições sociais.

O terço do Rosário que era costume rezar em comum junto da capela das aparições antes da primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que ali se venera foi rezado antes da bênção dos doentes diante de Jesus-Hostia solenemente exposto.

Por causa do mau estado do

sacerdotes dominicanos espanhóis. Esteve também presente outro sacerdote dominicano espanhol, o rev. P.º Jaime Parcerisa, já bastante conhecido entre nós por ter organizado várias peregrinações do país visinho ao Santuário Nacional de Nossa Senhora da Fátima.

Ao Evangelho fez a respectiva homilia o rev. P.º Mateus Neves, da diocese de Aveiro.

Os alunos do Seminário das Missões de Nossa Senhora da Fátima,

os peregrinos foram-se retirando apressadamente para as suas terras açoitados pelo vento e pela chuva, aceitando de bom grado essa penitência lembrados das palavras dirigidas pela excelsa Rainha do Céu aos humildes pastorinhos de Aljustrel quando lhes disse que muitos pecadores se perdem por não haver quem reze e faça sacrificios pela sua conversão.

VISCONDE DE MONTELO

N.º S.º da Fátima NO ESTRANGEIRO

Na pequena cidade holandesa de Ymuiden-Oost, situada perto do Mar do Norte, os habitantes, durante o inverno de fome de 1944 e da ocupação inimiga, fizeram a promessa de, no caso de

não sofrerem com os bombardeamentos, construir em seus próprios meios uma capela dedicada a N.ª Senhora da Fátima. Passada a guerra foi cumprido o voto, trabalhando os operários na edificação da ca-

pela nos sábados à tarde e no escasso tempo livre que lhes ficava nos outros dias. Apenas a Imagem de N.ª Senhora foi confiada a um escultor de Delft pois que, entre os habitantes de Ymuiden-Oost, não havia ninguém habilitado a fazê-la.

É a primeira capela pública da Holanda consagrada a N.ª Senhora da Fátima. Numa das paredes

(Continua na 2.ª página)

ÀS QUE PERTENCEM à família do sacerdote ou seminarista

— Vivo para servir ao meu Senhor e me imolar pela salvação das almas. Para onde quer que me mandem servi-lo-ei sempre com a mesma alegria. Se o Senhor permitir que eu seja injuriado e caluniado, que sobre mim recaiam as piores suspeitas e por isso eu seja por todos desprezado, até isso estou pronto a aceitar e espero até então, embora a escorrer sangue, conseguir cantar o meu cântico de alegria e de amor, pois nada me poderá acontecer sem o consentimento do meu Deus!

Confesso que tremi assustada dos pés à cabeça, quando isto ouvi. Não pela perfeição de quem assim falava, mas perante a ideia de todas as fúrias satânicas que aquela alma atlética assim serenamente desafiava. A que martírio não se estava aquela vida de sacerdote a votar!

Foi sob esta impressão que à noite, no meu quarto, ajoelhei e, ao acaso, abri os Evangelhos.

Os meus olhos encontraram esta passagem: «Estando desposada Maria (...) com José, antes de cohabitarem se achou grávida por virtude do Espírito Santo. E José, seu esposo, como era justo, e a não quisesse infamar, resolveu deixá-la secretamente». (Mat. 1-2-18 e 19).

Curvei a cabeça e fiquei-me por largo tempo a meditar; uma serenidade muito grande invadiu-me a alma; já nada me assustava.

É bem certo que o Senhor não poupa os Seus eleitos. Se nem sequer poupou Sua Mãe Santíssima! Co-Redentora do género humano, quanto não sofreu Maria!

Como tem razão, pois, a alma sacerdotal que até a injúria, a calúnia, a suspeita e o desprezo está pronta a aceitar pelo amor de Deus!

Nossa Senhora da Fátima • NO ESTRANGEIRO •

(Continuação da 1.ª página)

foi colocada uma placa com o nome de 16 combatentes mortos, naturais de Ymuiden-Oost.

O culto de Nossa Senhora da Fátima na Bélgica e devido em grande parte à propagação do rev. P.º François Desmet, professor do Ateneu Feminino do Estado, em Bruxelas, Presidente da Sociedade Mariana da mesma cidade e da Federação Nacional dos Professores de Religião.

Por sua única iniciativa e unicamente à sua custa fez ainda recentemente imprimir 30.000 cartazes, coloridos e belamente doirados, com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, trabalho do artista Paul Couché e 300.000 folhetos de propagação da recitação do terço e da devoção dos primeiros sábados. 10.000 desses cartazes, em francês e em flamengo, foram distribuídos pelos párocos e pelas Comunidades religiosas.

FLORES DE LARANJEIRA

de Sabugueiro, alfazema, margaça, papoiles, folhas de abeloura, salva de Jardim, verónica, barbaço, hiperião de Gerez, hortelã pimenta, cidreira, erva doce, andorinha, moarilha, erva-ruda, musgos, bagas, raízes, etc. COMPRO gr. ou peq. quantid. Enviar amostras secas 10 gr. a PRUDENCIO — Vaie S. António 75 — Lisboa

FATIMA
Oratório de Ruy Coelho e Afonso Lopes Vieira, 20500
GRAFICA — LEIRIA

E aquelas que ao seu lado vivem, aquelas que o Senhor colocou junto de uma vocação sacerdotal, como compreendem a participação no sofrimento de Jesus e no sofrimento de Maria... na vida de cruz dessa mesma vocação, nesse sofrimento de *hóstia em sangue* que se oculta e mal se pressente, junto do qual a alma de oração se deve manter vigilante compreensiva e silenciosa? Falar nesses sofrimentos a não ser em condições muito especiais não será uma tremenda falta de tacto que, sem dúvida alguma muito iria magoar a alma que sofre? Possam todas aquelas que têm por missão auxiliar uma vocação sacerdotal isto compreender!

— Que todas as mães, irmãs e madrinhas de todas as vocações sacerdotais de Portugal se unam na Associação denominada a «Família do Sacerdócio» que tem por fim amparar e robustecer em todas as associadas a noção dos deveres e responsabilidades de uma família em cujo seio existe ou desponta uma vocação sacerdotal.

MARIA DA FATIMA

N. da R. — A «Maria da Fátima» continua a dispor de todos a quem este assunto possa interessar. A correspondência deverá ser dirigida para a nossa redacção em carta que traga dentro um segundo sobrescrito com o nome «Maria da Fátima» escrito a lápis.

PORQUE APARECEU N.ª SENHORA NA FATIMA?
pelo P.º Carlos de Azevedo
10\$00
GRAFICA — LEIRIA

NOVO HORTO CONIMBRICENSE
JOSÉ ANTONIO DIAS VEIDEIRA
ARBORICULTOR
COIMBRA CABOUÇO
(Casa Fundada em 1913)

Importantes viveiros de árvores de fruto, Roseiras, etc. Seleção rigorosa. Sanidade garantida. Catálogos grátis sob pedido.
Autorização N.º 31

MEDALHAS COMEMORATIVAS DA COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA ASSINADAS PELO ESCULTOR JOÃO DA SILVA



DE OURO E DE PRATA
À VENDA NO SANTUÁRIO

Publicações Recebidas

Estrela da Serra, órgão das Congregações Marianas da Covilhã.

Mensageiro de Maria, órgão das Congregações Marianas portuguesas.

Mensageiro do Coração de Jesus, órgão do Apostolado da Oração.

La Croix, n.º de 27 de novembro de 1946. Diário católico da França. Traz na 4.ª página um interessante artigo sobre Nossa Senhora da Fátima em Toulouse.

Mensageiro do Santo Rosário, do Rio de Janeiro, Brasil.

Au service du Maître de la Moisson, revista publicada em Paris pelas irmãs da Congregação de S. José de Cluny.

Eco de Maria Auxiliadora, publicação dedicada aos colaboradores salesianos e que se publica em Sevilha.

Horizonte, Revista das Congregações marianas masculinas, em Espanha, que se publica em Cazaria (Jaén).

A. C. N. de P., órgão dos propagandistas católicos da Espanha.

Respigando, Revista de Educação y Cultura, publica-se em Madrid.

Boletim da Diocese de Goa, n.º de outubro de 1946, onde vem um interessante artigo de impressão da Fátima do P.º Altino Ribeiro de Santana.

JANEIRO

No dia 21 passo: pelo Santuário uma leva de missionários da Congregação do Sagrado Coração de Jesus. Os Revs. P.º Pietro Comi, P.º Joaquim de Runsch, P.º Rafael Pissi, e P.º Luis Pessota, todos italianos e da Congregação do Cor. Jesu. Dirigem-se para a missão da Beira, a primeira que a sua Congregação vai fundar em território português. (Moçambique).

22 — No Carmelo de S. José realizou-se mais uma tomada de hábito, a da irmã Maria Dolores de Jesus Crucificado, da família dos Senhores Condes da Azambuja. Além de seus pais e outras pessoas de família entre as quais 2 irmãos religiosos da Companhia de Jesus, assistiram ao acto o Rev. P.º Artur Antunes, professor do Seminário de Viseu, o Sr. Engenheiro Rocha e Melo, director da Empresa de Cimentos de Leiria e várias outras personalidades de relevo no nosso meio social. A cerimónia que se realizou na Capela do Convento do Carmelo presidiu o Capelão do Convento, rev. P.º Carlos de Azevedo.

25 — Tendo de partir para o Brasil, não o quiseram fazer sem visitar o Santuário, os irmãos Eloi Miguel, Norberto Ribeiro, Avelino Amorim, Fábio Simões, Alfredo Barbosa e Ricardo Peres, e 13 aspirantes da Congregação dos Irmãos Maristas.

— De passagem para a sua diocese, vindo de Madrid, esteve no Santuário onde rezou missa na Capelinha das Aparições, Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Frei Gabriel Paulino Bueno Couto, ex-assistente Geral da Ordem Carmelita, bispo titular de Leuce, e auxiliar de Jaboticabal (S. Paulo) Brasil.

Acompanhavam-no Frei Luis Gonzaga de Oliveira, Comissário da Ordem Terceira do Carmo, de Lisboa, e Frei Eliseu Maria Mala, religioso carmelita.

FEVEREIRO

4 — Cerca de 30 homens da freguesia de Turquel vieram passar 3 dias em retiro espiritual aos pés de Nossa Senhora, no seu Santuário. Este retiro foi um belo exemplo para os muitos que se têm feito no Santuário, edificando os homens de Turquel pela sua piedade, fervor e silêncio observados durante estes 3 dias. Dirigiu o retiro o Pároco desta freguesia, P.º José Montez Paulino.

8 — As dirigentes diocesanas e locais da J. A. C. F. da diocese de Leiria reuniram-se num curso de formação, dirigido pelo assistente da Junta diocesana Cônego Dr. Galamba de Oliveira.

12 — Estando em Portugal, a caminho das missões do Transvaal, vieram a Fátima assistir à peregrinação os beneditinos belgas, P.ºs Hermans Paul e Van Gewen Leo. De Espanha vieram também o Rev. P.º Jaime Parcerisa, grande Amigo do Santuário, e P.º António Riego, O. P., superior do Convento de Olivar, de Madrid. Este último era acompanhado de uma família madrilena que pela primeira vez visitava o Santuário. Vieram ainda os Sacerdotes italianos, missionários, P.º Miguel Sells, e P.º Libori Caselli.

14 — Vindos do Algarve, estiveram no Santuário 34 pessoas de Braga, entre as quais vinha o Rev. P.º Manuel Gonçalves Diogo, de Vila Verde.

15 — Principiou o retiro espiritual para professores primários, da diocese de Leiria. Este retiro foi organizado pela L. E. C., e as conferências foram feitas pelo Rev. Dr. Galamba de Oliveira, tendo no último dia feito uma reunião de estudo o Rev. Dr. Aurélio Galamba de Oliveira, assistente diocesano da Liga Católica.

16 — 32 senhoras diplomadas, da L. E. C. F. e da L. U. C. F. Lisboa, Porto Coimbra e Leiria reuniram-se em retiro espiritual pregado pelo Rev. Dr. Bernardo Xavier Coutinho, assistente da L. U. C. F. do Porto. Encerrado o retiro visitaram os Valinhos, a casa dos videntes em Aljustrel e o cemitério da Fátima.

17 — Esteve no Santuário o Rev. Thomas Mc Glynn, O. P., professor no Providence College, de Providence, E. U. A. Este sacerdote que é um escultor exímio esteve em Portugal durante 15 dias, e falou com a vidente Lucia, diante da qual construiu uma imagem do Imaculado Coração de Ma-

ria Na Fátima S. Rev. filmou os locais das aparições, várias imagens, e igrejas, sendo sua intenção fazer um estudo das aparições para desfazer certas interpretações falsas que correm na América a respeito da Fátima. Com ele veio também o Rev. P.º Gerard Gardiner, O. P., do Corpo Santo, de Lisboa.

TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

NO MÊS DE FEVEREIRO

Algarve	6.517
Angra	16.722
Aveiro	5.861
Beja	4.942
Braga	42.647
Bragança	6.390
Coimbra	9.434
Evora	3.685
Funchal	9.659
Guarda	9.259
Lamego	7.050
Leiria	10.007
Lisboa	12.891
Portalegre	8.039
Porto	36.884
Vila Real	14.136
Viseu	5.011
Total	209.134
Estrangeiro	3.554
Diversos	11.032
Total	223.720

Rouparia — Meias — Lãs Grandes Saldos!!...

NO IMPÉRIO DAS MEIAS
Av. Almirante Reis 173 B — Lisboa

Combinações opal, corte moderno	19850
Parures opal 4 peças	45800
Lençóis c/ ajour 1,40	35800
Lençóis c/ ajour 1,80	45800
Lãs finas p.º tricot	7850
Tabela 8800 — Saldo	7850
Talhas alinhadas 90x60	7850
Calças, cotim fantasia, forte	42850
Cuecas, homem — popeline 11850 — Saria Camisas, homem — popeline	12850
Meias seda rase, saldo	30800
Meias seda finas	9850
Panos cozinha, sarja forte	12850 e 7800
Peças fortes — 7850	6850
6850	4850 3810 e 2850
Toalhas turcas tabela	12850 14800 e 9850
Idem, Idem 21800	20850 7850 e 6850
Lençóis, senhora, finos 2880	3850 1810 e 1820
Lençóis tabela, homem 7800 4850	5850 3820 e 2850

!E muitos outros artigos Baratoe!!
Malhas e Rouparia — Saldos!!
Província e Lãs, tudo a contra-reembolso.

EMBOQUE

(Patente n.º 21.581)

Eis a torneira que se impõe porque é a melhor que se fabrica no País.
A ÚNICA QUE É GARANTIDA POR 5 ANOS
Para as instalações do seu quarto de banho, etc., exija que todo o material tenha gravada a marca



Se o não encontrar nas casas do género no distrito de Leiria, dirija-se ao representante:
CENTRO COMERCIAL LUSITANO, LIMITADA
Praça Rodrigues Lobo, 11 — LEIRIA
FABRICANTE:
J. A. DOS SANTOS
Avenida da França, 486
PORTO Telef. 15054

Por um acto de delicadeza...

Tinha estreado uns sapatos de camurça clara e, como a família amiga onde fomos passar a tarde morava perto, minha mãe resolvera não dar ordem ao cocheiro; que, nesse tempo, julgo que só havia em Lisboa um automóvel, o do Infante o Senhor D. Afonso, o qual o povo, de olhos esbugalhados perante tão insólita velocidade, alcunhara de «o arredão».

O tempo estava chuvoso, as ruas lamacentas, e nós caminhávamos cautelosas pelo passeio, por sinal bem estreito, como ainda se vê nalgumas ruas antigas da capital. Poucos metros andados, surgiu-nos do lado oposto um homem de mais de meia idade, modestamente vestido, coxeando e apoiando-se numa grossa bengala.

Instintivamente cheguei-me para a parede a fim de não ser obrigada a sair do empedrado, mas minha mão deitou-me a mão a um braço, puxou-me e ambas fomos patinhar na lama.

— Oh, os meus sapatinhos novos! — murmurei.

Quanto ao homem, mirou-nos de alto a baixo e sorriu, levando a mão à aba do chapéu. Mais tarde esse sorriso, que lhe remoçava de modo extraordinário o semblante e que tenho tantas vezes ainda presente, pagaria largamente aquele acto de delicadeza, pela minha parte bem forçada.

Mas não antecipemos.
— Oh, mamã! — protestei eu ainda, já de novo sobre o passeio. Não valia mais que ele sujasse as botas?

— Não, minha filha. Por três motivos não deveríamos ter procedido de outro modo.

— Logo três... — resmunguei.
— Sim: a sua idade, a sua pobreza e a sua doença. Não vais esquecer esta lição de hoje, não, Mariuzinha?

Mesmo sem parar passou-me a mão sob o rosto para me forçar a olhá-la e é claro que a sua expressão suavíssima fez fundir a minha má disposição como geadas aos raios do sol.

Passámos uma tarde deliciosa — pelo menos eu e o resto da pequenada que naquele dia festejava um aniversário não sei já bem de qual do rancho. Mas, ao voltarmos a casa, minha mãe encontrou uma carta do seu procurador ao qual confiara os nossos interesses desde o falecimento de meu pai, carta que foi o início de muitas preocupações, trabalhos e desgostos e a perda quase total dos nossos haveres.

Tinha eu por esta altura os meus dezasseis anos e, tendo tido uma instrução muito superficial e ainda incompleta, comeciei a ver que era preciso de qualquer forma ganhar a vida.

Certo dia em que saíra para fazer umas compras, pois não podíamos já sequer manter uma criadota para todo o serviço, parei fascinada diante da montra de um livreiro barato onde se alinhavam uns volumezitos de títulos idênticos mas variados sub-títulos: *50 Maneiras de Ganhar Dinheiro — Funileiro, Marceneiro, Electricista, etc.* E também profissões femininas: *Costureira, Modista, Enfermeira, etc.*

Apalpava a algibeira onde me restavam umas moedas, mas ficava irresoluta não só pelo que havia de escolher, mas pela quase certeza de que falharia em qualquer carreira...

E todavia não me arrancava dali.

— Se tem interesse por algum desses livrinhos, poderia emprestar-lho...

Voltei-me surpreendida. Era o homem da bengala grossa

que havia uns quatro anos tinha sido causa de eu sujar uns sapatos novos; que nunca mais perdêramos de vista e que sempre nos cumprimentava. Sabíamos mesmo o seu nome e que morava com uma filha.

— Desculpe, menina — continuou ele — mas sempre tive a mania dos livros e também lá tenho destes. Se tiver curiosidade de folhear alguns...

Sorria — o tal sorriso tão bom — e eu fui franca:

— Não se trata de curiosidade, sr. Vieira. E que eu preciso de ganhar dinheiro!

— Eu sei, menina, ou antes, ouvi dizer...

O sorriso desaparecera mas a bondade ficava estampada — mais ainda talvez — no rosto agora tão triste.

— Pois é verdade — continuei. Não sei mesmo que fazer à minha vida...

E de novo voltara a contemplar os livros.

— Não se iluda — voltou ele. Esses livrinhos são muito bons para quem sente aptidão para um determinado trabalho e, então, sim, compra o que trata dessa especialidade e, pode dizer-se que é êxito seguro...

— Mas, assim à toa... — interrompi, melancólica.

— Porque não há-de a menina passar lá por casa para conversarmos um pouco? Talvez a minha Helena tenha alguma ideia... Isto de raparigas, querem-se com raparigas!

Senti-me um pouco ofendida com a equiparação: Helena devia ter uns 30 anos bem contados. Mas os tempos não iam para melindres.

Pelo meio da tarde, depois de acompanhar minha mãe até casa de um parente onde ambos tinham alguns assuntos a tratar, lá fui bater à porta do sr. Vieira, professor aposentado.

Foi ele que, sempre coxeando, me veio abrir.

— Que gosto me dá, minha menina, mas, ao mesmo tempo, que pena a minha filha ter sido obrigada a sair! A mãe de uma das alunas está muito doente e mandou chamá-la. E o pior é que as outras pequenas estão a chegar...

— Não sabia que sua filha também era professora!

— Professora no sentido próprio da palavra, não. Não tem diploma, mas, enfim, cá está o meu... E ela, além de estar habilitada, tem gosto e paciência para ensinar.

— E o que me falta — pensei eu, — além do resto...

Um toque de campainha, e logo outro, e mais: eram as alunas de Helena que chegavam.

Sentavam-se em volta da mesa da modesta salinha de jantar e tiravam das pastas livros e cadernos, pondo-se em voz baixa a repetir a lição.

Enquanto o sr. Vieira voltava para a cozinha a quecer-se ao fogareiro, poisado no chão sobre uma lata velha e onde fervilhava uma panelita, aproximei-me das pequenas.

— Não entendo esta conta — dizia uma.

— Queres que te ajude? — perguntei. Ora vamos lá a ver!

Sentei-me ao lado dela e em poucos minutos a conta estava certa. A seguir foi a explicação de um problema, depois umas perguntas de gramática... E claro que já nenhuma pensava em trabalhar sozinho...

E quando Helena Vieira entrou, eu tinha descoberto a minha vocação.

— Voltarei amanhã, se me derem licença — disse despedindo-me.

— Sim, venha. Conversaremos então — foi a resposta espontânea de pai e filha.

— Está tudo conversado — disse comigo. Quero ser professora. Mas de quê, como e onde?

Passei uma noite péssima mas, no dia seguinte, tudo se resolvia como por milagre. Porque eu tinha tido mestras estrangeiras, abríamos uns cursos de francês e inglês, descontraídos das aulas de Helena e nos quais a minha prática dessas línguas seria completada com o conhecimento teórico que delas tinha o velho professor.

Sim, era sem dúvida a minha missão. Mas que admira que tão nova e tão pouco preparada para a vida — sem nunca ter tido à prova nem a paciência, nem a persistência, nem tantas qualidades indispensáveis a uma mestra, me sentisse muita vez, abatida, desanimada, quase falhada?

Logo vinha porém, em meu socorro a palavra justa, serena, forte, de Helena, e o sorriso, para mim não menos eficaz, do velho professor...

M. de P.

PALAVRAS MANSAS

Vida Espiritual

Devem ler com gosto este livro mesmo aqueles que têm uma sólida formação religiosa e se dão com assiduidade e zelo ao regimen das almas. Sintetisa, aclara e simplifica.

Quem conhece de perto o autor convive com ele na leitura: sente-lhe a firmeza do carácter, a perseverança do esforço, o timbre da sinceridade, a lisura da intenção e o próprio calor da palavra, que a tinta e o papel não arrefecem.

Tudo isto vem de tão longe, diga-se de passagem, que já se revelou naquela greve académica, que por ser apenas, em pleno regimen monárquico, uma exploração política, encontrou em Almeida Correia, então aluno da Universidade, uma reacção obstinada e heroica.

Livro atraente e vivo este livro. A doutrina é antiga, tem a chancela de mestres veneráveis e modelou almas que iluminam intensamente o passado, mas rellesce, em certo modo, na aplicação inteligente, avisada e criteriosa a novos aspectos e a novas modalidades da vida do nosso tempo.

A Vida espiritual apareceu na hora própria, é de uma oportunidade intimativa.

O último congresso internacional de filosofia, realizado em Roma, levou a conclusões amargas e desoladoras os homens de pensamento cristão que nele tomaram parte. Os oradores espirituais, que pairam luminosamente sobre as ruínas do mundo, saíram de lá incompreendidos por almas que pareciam comprazer-se em ver tudo em ruínas. Falta de fé, de hombridade e de bom-senso, na terra de São Tomás e do Dante. Como na O. N. U., a maioria julgava mais cómodo e mais hábil voltar-se para o sol nascente — sol mais rubro do que o sol no ocaso, sol de esterilidade e de incêndio...

As palavras do Santo Padre aos membros do congresso que cumpriram o dever de saudá-lo, porque a verdade atrai, como o amor, foram, manifestamente, palavras de orientação, de estímulo e de conforto...

Os homens nem sempre querem receber docilmente a luz.

Fora do ambiente derrotista do congresso, é o que todos nós vemos por esse mundo além. Arrefecem as crenças, oscilam as convicções, deformam-se os sentimentos, sobe em maré alta a paganização dos costumes.

Que ódios, que invejas, que cobizações, que desregramentos, que baixezas!

O conceito materialista da vida sabe que não tem futuro, mas dá-se,

Graças de N.ª S.ª da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria Augusta Pereira, Severdo-Vouga, escreve: «Por três vezes fui infeliz no parto, sendo operada no Hospital Conde Lucena de Agueda».

Quando pela quarta vez estava para ser mãe, ao 7.º mês fui obrigada a dar entrada de novo no mesmo Hospital onde muito pedi a Nossa Senhora da Fátima a graça de que o meu filho nascesse vivo e que eu o pudesse criar, prometendo ir baptizá-lo à Fátima e publicar a graça na «Voz da Fátima».

Decorridos os 9 meses, preparei-me com a recepção dos Sacramentos para nova operação cesariana da qual obtive os melhores resultados, podendo hoje dar graças a Nossa Senhora da Fátima por ter uma filhinha que já levei a baptizar ao seu Santuário e que ficou com o nome de Maria Filomena».

Manuel Gonçalves da Fonte, Évora de Varzim, tendo sido atacado violentamente com uma bronquite asmática, no meio da sua aflicção recorreu a Nossa Senhora da Fátima, tomando, embora a custo algumas gotas de água do seu Santuário e logo principiou a melhorar pelo que vem agradecer publicamente a Nossa Senhora».

D. Ida Annes Cáo e Silva, Vila Viçosa, escreve: «Tendo um filho em perigo de vida implorei Nossa Senhora da Fátima que me fez a grande graça de entre minutos, salvá-lo, prometendo eu tornar pública esta graça».

D. Carolina Ferreira Tavares, S. Pedro do Sul, escreve: «Estando o meu irmão António, doente com um abcesso no rosto, consultou vários médicos sem resultado. Eu então, recorri a Nossa Senhora da Fátima, pedindo a sua cura e prometendo rezar uma novena de terços, de joelhos, com ele, caso Nossa Senhora o curasse. Foi atendida. O meu irmão encontra-se curado».

D. Ilda Fernandes Campos, Figueiro, escreve: «Quando em maio deste ano (1940), assistia pela rádio às cerimónias realizadas na Fátima, pedi a Nossa Senhora a colocação para um irmão meu que há muito esperava trabalho. Se recebesse a graça que esta fosse a favor da canonização do Beato João de Brito. Consegui, pois, o que pedira. O meu irmão encontra-se colocado desde o dia 13 de setembro».

D. Maria Alice Martins das Neves, Travessa do Campo 24 de Agosto, 77, Porto, escreve: «Tendo minha madrinha gravemente doente, implorei o auxilio de Nossa Senhora da Fátima para a sua cura, prometendo publicar a graça na «Voz da Fátima». Muitas pessoas pediram por ela também, quase todas por intermédio de Nossa Senhora. O médico que tinha perdido todas as esperanças, tendo-nos declarado isso mesmo, ao vê-la restituída à vida declarou que foi salva milagrosamente».

D. Maria da Natividade Lopes, Cazaria, Dois Portos, escreve o seguinte que é confirmado pelo Rev. Pároco daquela freguesia, P.º António Carreira Poças: «Tendo dado uma queda, fiquei com um ferimento na canela da perna que ficou com três feridas rententes a todos os tratamentos e remédios receitados pelos médicos. Iam as feridas sempre aumentando durante cinco semanas, obrigando-me por isso a não sair do leito. Vendo então que a medicina nada fazia, voltel-me para Nossa Senhora da Fátima fazendo várias promessas e principiando uma novena durante a qual conservava sobre as feridas pachos com água do Santuário da Fátima. Sucedeu que ao quinto dia da novena já se conhecia carne nova; ao sétimo, duas feridas estavam curadas e no fim da novena a ferida maior desapareceu e assim fiquei completamente curada».

Agradecem outras graças

- D. Alexandrina de Almeida Vasconcelos, Povoação (Açores).
- D. Rosa Guedes Pinto, Porto.
- D. Maria Adelina Garcia, Pico.
- D. Balbina Salomé, ibidem.
- D. Maria da G. Sarmiento Soares, ibidem.
- D. Maria José Portugal Mendes, Telxoso.
- D. Maria da Glória Metrcles, Lagos.
- D. Rita da Glória Amaral, Norte.
- D. Violante Silveira, Pico.
- D. Ester Branca da Fonseca Martins, Horta.

CORREIA PINTO

CONVERSANDOC

Segurança

dos bens imóveis dados à Igreja por particulares

Pessoa amiga, lembrando-se do que sucedeu em Portugal pela promulgação e execução da Lei da Separação, pergunta qual será hoje a forma de mais confiança em direito para dar à Igreja um prédio de residência para os párocos que, canonicamente, se sucedam numa freguesia, por modo que não seja fácil a qualquer governo de transição aplicá-lo, não diremos já só a fins diversos, mas até a fins diametralmente opostos.

A forma de mais confiança, para este e semelhantes efeitos, de interesse da Igreja, mostra-se ser a das disposições da Concordata celebrada em 1940 entre a Santa Sé e a República Portuguesa, em tudo conforme à nossa Constituição Política, ao Código Civil reformado de 1930, e ao Código Administrativo de 1940: é ceder por escritura pública o prédio à Comissão do Culto da freguesia na pessoa do seu Pároco, com a declaração expressa do destino, requerendo-se depois ao chefe da Secção de Finanças do Concelho a isenção dos impostos.

Esta forma é firme, franca e leal. E, se nada é seguro sobre a terra, no dizer do Padre António Vieira, ela reveste, no entanto, as melhores condições, até agora adquiridas, de paz, solidriedade e harmonia que só frustradas poderiam vir a ser em povos que fossem sem consciência das suas responsabilidades colectivas.

Escusado é, pois, pensar-se em recorrer a formas de sociedades de direito privado, tais como de sociedades por cotas e de sociedades anónimas, ou a formas de sociedades de direito público, como associações em que se procure tornar accidental a finalidade religiosa. São de menos confiança que aquela: umas insuprivelmente nulas e outras demasiadamente precárias.

Não esquecer que o objectivo religioso é fundamentalmente de cunho ideal e por isso com formas associativas especiais, de que não pode sair, marcadas em direito público.

Precisamente, pelos pretextos da mediação de *interposta pessoa* ou de *constituição legal da associação*, é que os primeiros governos da República se apoderaram indevidamente de quase todos os bens da Igreja.

Atitudes destas não se repetirão mais; ficam servindo de lição pelas gerações fora.

A Concordata de 1940 com a Santa Sé colocou as liberdades religiosas no caminho que era preciso. Resultou de uma forte reacção evolutiva em que tomaram parte os próprios partidos políticos mais avançados da República, indo até à *Lei Moura Pinto* em 1918 e às *Leis Gaspar Rodrigues* em 1922.

Por outro lado, os descabros do nosso Padroado na Índia e na China, o enfraquecimento da estrutura das nossas Colónias e as divisões internas da Metrópole, verificadas pelas infelizes experiências da legislação anti-religiosa do Marquez de Pombal em regime de despótico absolutismo, d'el-Rei D. Pedro IV em regime de desenfreado liberalismo, e do Dr. Afonso Costa em plena ditadura da República, trouxeram-nos a todos, conservadores e radicais, ao convencimento de que as liberdades religiosas são da essência da Nação e que profundamente anti-patriótico e deshumano seria que um partido político se levantasse em contrário; demonstraria a falta de ideias sobre governo, a

sua completa falência política.

Demais, é já sabido que, ao abrigo da nova Concordata com a Santa Sé, o Império Português vem renascendo pelo apoio que a primeira Potência Espiritual do mundo lhe dá, subordinando às Autoridades eclesiásticas portuguesas todos os elementos estrangeiros da acção católica, dentro dos nossos territórios, e a todos ajudando com os seus poderosos recursos de pessoal missionário e de obras sociais, no respeito da nossa unidade nacional.

Entretanto, os católicos mostram-se, agora como sempre, em todo o mundo, a parte mais culta e activa das populações, e também a parte mais interessada em socóros à massa dos proletários e abandonados como párias, dos quais se aproximam, organizando-os, e com eles sentindo a vida. E todos, pouco a pouco, se lhes vêm juntando...

Desta maneira as liberdades religiosas não se perderão para a vida social e a civilização cristã continuará a triunfar, até à consumação dos séculos, para uma conquista de glória que não cabe nos tempos.

A. LINO NETTO

A Sagrada Família na Cova da Iria

«Desaparecendo Nossa Senhora na imensidade do firmamento, vimos ao lado do sol S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o mundo, pois faziam com a mão uns gestos em forma de cruz».

Isto diz a Irmã Maria Lúcia das Dores, num manuscrito enviado ao Senhor Bispo de Leiria em 8 de Dezembro de 1941 e referindo-se à sexta e última Aparição, de 13 de Outubro de 1917. Tudo leva a crer que a visão dos Pastorinhos foi a da Sagrada Família na forma clássica por que estampas e imagens no-la representam, pois Lúcia vai até ao ponto de dizer que Nossa Senhora estava «vestida de branco com um manto azul».

É pois fora de dúvida, a dar crédito às palavras da Vidente, que a Sagrada Família se mostrou na Cova da Iria, embora S. José e o Menino não tenham chegado a pisar aquele terreno adusto ou a tocar os ramos da azinheira: «Vimos ao lado do sol».

Porquê e para quê? Sim, que nós devemos supor que todas as manifestações do sobrenatural, principalmente quando se dão nas circunstâncias extraordinárias daquela, têm uma causa e um fim, em vista.

Nossa Senhora tinha descido à terra durante seis meses seguidos, para pedir a seus filhos oração, penitência, reforma de costumes. E ninguém ousará negar que o principal foco de corrupção estava naquele tempo — como ainda hoje, infelizmente — na quebra dos laços, digamos a palavra, no relaxamento da vida familiar. Não há fidelidade, não há respeito, não há amor. Pais, mães, filhos, tudo procura evadir-se, fugindo ao cumprimento dos deveres, alijando responsabilidades.

E só abrir os olhos e ver o que por aí vai. Rota a devoção familiar, envenenado o ambiente que se respira nos lares, está o caminho aberto para todos os abusos, para todos os desmandos. Bem sabem isso o demónio e os seus seguidores. E eis-los que se esforçam por minar a família na sua constituição, corrompê-la nas suas leis, desacreditá-la nas suas funções.

I

Briosa Juventude

Uma das notas que mais nos encheram a alma na viagem triunfal de Nossa Senhora da Fátima através das terras de Leiria e do Patriarcado, foi sem dúvida o poder-mos apalpar e sentir bem vivo o fruto da Acção Católica portuguesa no seu trabalho pela Juventude. Se em todos se notava entusiasmo e devoção pela celeste Rainha, tal entusiasmo piedoso sobressaia dum modo especial nos rapazes e raparigas que foram incansáveis em tudo fazer para maior glória de Nossa Senhora. Em Lisboa, com quanto sacrifício muitos rapazes e raparigas universitários e operários se deslocaram a pé até Loures para no dia 4 de Dezembro ali receberem a imagem de Maria Santíssima. Não faltaram lá também, no dia seguinte de manhã, para a acompanhar até Lisboa. No dia 8, é um grupo de universitários que fazem o sacrifício de não assistir às grandiosas manifestações para levarem um pouco do seu ardor apostólico a Azeitão onde eles mesmos, uma dúzia de rapazes fazem o coro da Missa solene em honra de Nossa Senhora da Conceição. No Barreiro, sessenta briosos escuteiros apareceram como o braço direito do zeloso Pároco, sacrificando-se em tudo providenciarem para que nada faltasse.

Em Setúbal, os rapazes jocistas, em numeroso grupo, sobressaíram na imensa multidão cantando durante as quatro horas que durou a procissão da chegada de Nossa Senhora. Dizia-nos um rapaz da JOC como todos se sentiam fatigados pois tinham feito longos serviços até às 5

Ecos

da viagem de Nossa Senhora

é 6 horas da manhã nos preparativos para a chegada de Nossa Senhora da Fátima. Noutras terras foram alguns rapazes, ainda que pouco ou nada praticantes, os mais entusiastas não tendo qualquer respeito humano, antes mostrando-se orgulhosos em poderem pegar no ardor de Nossa Senhora. Em toda a parte apareceram as blusas azuis das raparigas da Acção Católica cantando entusiasticamente os cantos marianos.

Rapazes e raparigas católicos, fru-

to da providencial Acção Católica portuguesa, foram sem dúvida as flores mais belas, mais odoríferas que Portugal cristão pôde oferecer à sua excelsa Rainha nessa inolvidável jornada em que muito se rezou, se cantou, muitos sacrifícios se fizeram e muitas lágrimas foram derramadas, lágrimas essas de alegria por verem a milagrosa imagem da celeste Senhora que mais uma vez salvou Portugal.

C. de A.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

A LIMPEZINHA

Já por várias vezes, nestas humildes «Palavras», me tenho ocupado do mecanismo do contágio das doenças infecciosas.

Interessei-me, há pouco, por uma criança afectada de tétano, menina filha de pessoas que estão ao meu serviço; e impressionou-me de tal modo o estado da pobre pequenita, que resolvi dedicar este artigo à terrível doença.

O tétano é causado por um microbio que vive habitualmente no intestino do cavalo.

A terra onde caia excremento desse animal pode, portanto, estar contaminada pelo bacilo do tétano.

Se uma ferida, grande ou pequena, ou uma simples escoriação ou picada de um pé ou de outras partes do corpo se sujar com terra naquelas condições, não havendo as cautelas precisas, pode declarar-se o tétano, que é uma das doenças de mais trágicos sintomas.

Acantonado o bacilo do tétano numa feridinha qualquer, começa a produzir uma toxina, que afecta logo os nervos. Imediatamente o contagiado fecha a boca, contraindo-se os músculos motores do queixo, que nunca mais pode mastigar.

Depois, contraem-se os músculos da nuca, e o doente, de riso sardónico não pode mais voltar a cabeça.

Depois, a feçonha tetânica afecta os músculos das costas e dos membros, e o pobre doente fica imóvel na cama, com o aspecto de um arco, apoiado na cabeça e nos pés.

Quando a toxina do microbio afecta os músculos respiratórios, eles contraem-se para sempre e o ar não entra mais nos pulmões, morrendo o doente abafado.

Isto era o que sucedia a quase todos os doentes do tétano, quando eu me formei em medicina, há perto de meio século.

Hoje as coisas mudaram muito, e é vulgar obter a cura dos afectados de tétano.

Mas, para isso, é preciso fazer o tratamento em grandes hospitais bem dotados de pessoal e de meios materiais, que são caríssimos.

Por isso, empregue-se a regra: «Mais vale prevenir do que remediar».

E o tétano previne-se, afastando-nos o mais possível da terra conspurcada.

Alimentos que possam ter tido contacto com ela, como os molrangos, a alface, os agriões, lavem-se bem antes de se levar à boca.

Qualquer escoriaçãozinha das gengivas pode servir de porta de entrada.

O corpo deve andar sempre bem lavado, e os pés nunca deverão andar descalços. Qualquer ferida, por mais insignificante que seja, deve desinfectar-se, com um bocado de álcool, por exemplo.

Estas noções deviam andar na boca de todas as pessoas que têm o encargo da educação popular, na igreja, na escola primária, na Casa do Povo.

Quem souber o que é o tétano e como ele pode ser evitado, decore e cumpra este preceito: «A limpeza, Deus a amou».

J. A. PIRES DE LIMA

VOZ DA FÁTIMA

Despesas

Transporte	3.523.103\$70
Papel, comp. e imp. do n.º 293	21.886\$50
Franq. Emb. Transporte do n.º 293 ...	4.770\$11
Na Administração ...	360\$20

Total 3.550.120\$51

Esmolas desde 30\$00

D. Marília da Cruz Teixeira, Sá, Sangalhos, 55\$00; D. Mariana das Dores Mello e Meneses, Estarreja, 50\$00; D. Branca Rainha Coelho da Mota, Rio Tinto, 30\$00; D. Clemência Santos Tavares, Lisboa, 50\$00; D. Ana Silva Dias, Santa Tirso, 100\$00; Manuel Oliveira, América, 55\$00; Irmãos de S. João de Deus, Barcelos, 40\$00; P.º Francisco José Gomes, América, 720\$; P.º Abílio da Silva Mendes, Barreiro, 150\$00; D. Angélica Garcia da Silva, Almagreira, 150\$00; João Custódio, América, 228\$40; D. Olímpia Mesquita, Lisboa, 100\$00; D. Elvira Correia Artuda, S. Miguel, 50\$00; D. D. Dolinda Cardoso, Sezulte, 200\$00; D. Sofia de Mello, América, 110\$00; P.º Estanislau Martins, Seminário de Rachel, 509\$00; André Chichorro Marão, Monforte, 30\$00; Manuel Mendes de Matos, Rio de Janeiro, 110\$00; Manuel Domingos da Lage J.º Arruda dos Vinhos, 40\$00; D. Lúcia Machado, América, 295\$00.

Visado pela Censura